

Notas sobre o ethos atribuído

Ana Flora Brunelli

Resumo:

Neste trabalho, considerando a inegável relevância e o grande impacto das mais diversas contribuições de Maingueneau para os estudos discursivos, procuramos alimentar os debates relativos ao conceito de ethos, no que diz respeito ao modo como esse conceito foi remodelado pelo autor no âmbito da Análise do Discurso de linha francesa. Para tanto, exploramos um subtipo de ethos que foi mais recentemente incorporado às reflexões sobre o tema, isto é, o ethos atribuído (cf. Possenti, 2024), tratando de explorar algumas de suas particularidades. Diferentemente dos casos regulares de ethos, o ethos em questão não emana exatamente do discurso do próprio locutor, mas lhe é atribuído por uma outra instância que tece comentários sobre algum dos aspectos de sua enunciação, o que pode ocorrer, por exemplo, em casos de discursos relatados, embora essa não seja a única possibilidade. Assim, os casos de ethos em questão podem ser verificados quando um locutor avalia aspectos da enunciação de um outro locutor, ao comentá-la em seu discurso, conferindo ao primeiro locutor uma certa imagem. Conforme apresentamos ao longo deste trabalho, esse ethos tem efeitos relevantes que merecem ser cuidadosamente considerados nas análises, na medida em que envolvem um ou outro dos elementos da enunciação (quem fala, sobre quem fala, para quem fala). Nesses termos, nosso trabalho coloca em evidência mais uma das facetas do ethos, o que é sempre uma via produtiva de análise da discursividade.

Palavras-chave: ethos atribuído, ethos encaixado; estereótipos.

Notes on the attributed ethos

Abstract:

In this paper, considering the undeniable relevance and great impact of Maingueneau's diverse contributions to discourse studies, we seek to fuel debates concerning the concept of ethos, specifically regarding how this concept was remodeled by the author within the framework of French Discourse Analysis. To this end, we explore a subtype of ethos that has been more recently incorporated into reflections on the subject, namely, attributed ethos (cf. Possenti, 2024), attempting to explore some of its particularities. Unlike regular cases of ethos, the ethos in question does not emanate directly from the speaker's own discourse, but is attributed to them by another instance that comments on some aspect of their utterance. This can occur, for example, in cases of reported speech, although this is not the only possibility. Thus, the cases of ethos in question can be verified when a speaker evaluates aspects of another speaker's utterance, commenting on it in their discourse, conferring a certain image upon the first speaker. As we have presented throughout this work, this ethos has relevant effects that deserve careful consideration in the analyses, insofar as they involve one or another of the elements of utterance (who speaks, about whom they speak, to whom they speak). In these terms, our work highlights yet another facet of ethos, which is always a productive avenue for analyzing discourse.

Keywords: attributed ethos; embedded ethos; stereotypes.

1. Introdução

Eventualmente, ouve-se algum analista do discurso afirmar que Maingueneau é, por assim dizer, muito taxionomista. Do nosso ponto de vista, trata-se de uma avaliação (uma crítica?) apressada, própria de quem não conhece a fecundidade de suas propostas, pois, à medida que o autor aperfeiçoa os seus conceitos, particularizando-lhes os subtipos, podemos apreender melhor as peculiaridades do emprego da linguagem em condições específicas, o que nos permite aprimorar a qualidade não só das análises, como também das ponderações teóricas sobre a discursividade. Considerando, então, tanto a relevância quanto o impacto das mais diversas contribuições de Maingueneau para os estudos discursivos, procuramos contribuir com as reflexões sobre o conceito de ethos discursivo, explorando, para tanto, um de seus subtipos.

Como se sabe, depois que o conceito de ethos foi retomado pela Nova Retórica, Maingueneau tratou de incorporá-lo ao referencial teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa. Em seus diversos trabalhos que versam sobre a questão, podemos verificar que, nesse processo, não só tratou de fazer os ajustes necessários a essa transposição, como também, aos poucos, aprofundou o tratamento do tema, ao articulá-lo a outros conceitos em torno dos quais passou a gravitar (por exemplo, cenografia¹, mundo ético²) e ao descrever as especificidades de seus subtipos (ethos mostrado, ethos pré-discursivo, ethos dito, etc.)³.

Mais recentemente, as reflexões sobre o conceito ganharam mais força e foram consideravelmente ampliadas tanto pelo próprio autor (cf. MAINGUENEAU, 2020), quanto por outros discursivistas, tais como Possenti (2024), trabalho em que o autor apresenta um conjunto de considerações instigantes sobre a natureza de certas ocorrências relativas ao ethos que, até então,

¹ Segundo Maingueneau (2005), a cenografia é uma das três cenas que compõem a cena de enunciação. Trata-se da cena que é construída pelo texto, conforme suas características, camuflando a sua verdadeira identidade, pois tira de evidência tanto o tipo de discurso a que pertence, quanto o gênero discursivo ao qual o texto em questão se filia. Nesses termos, diz respeito a uma configuração particular por meio da qual o texto se apresenta.

² Nos trabalhos de Maingueneau, esse conceito corresponde a um conjunto de práticas sociais específicas a que o ethos está associado. Essas práticas dizem respeito a uma “constelação de representações estereotípicas associadas a comportamentos” (MAINGUENEAU, 2020, p. 15). Por exemplo, o mundo ético das estrelas de cinema diz respeito às seguintes práticas estereotípicas: as sessões de fotos, as “aparições em tapete vermelho”, as participações em pré-estreias, em programas de entrevista e em festivais de premiação etc. Como Maingueneau (2005) nos esclarece, se, por um lado, o ethos implica um determinado mundo ético, por outro, é justamente pelo ethos que os leitores têm acesso a esse mundo. Desse ponto de vista, notamos como a enunciação corrobora para a manutenção e também para a transformação dos estereótipos sociais.

³ Em seus diversos trabalhos sobre a questão do ethos, Maingueneau diferencia o ethos propriamente dito (ethos mostrado), das ocorrências em que o locutor fala de si (ethos dito) e também das imagens prévias ao texto que por ventura estejam associadas ao seu locutor (ethos pré-discursivo). Para uma apresentação mais consistente desses conceitos, sugerimos Maingueneau (2005).

não tinham recebido tratamento específico. Desse modo, considerando que se trata de um caso ainda pouco debatido, neste trabalho vamos abordar esse novo tipo de ethos, o atribuído, procurando explorar a sua especificidade, o que não deixa de ser uma forma de evidenciar a proficuidade e a pertinência desses novos estudos sobre o conceito.

2. Ethos atribuído

Possenti (2024)⁴ analisa uma série de ocorrências em que podemos notar uma maneira diferente de se projetar o ethos, isto é, via intermediação. Em grande parte dessas ocorrências, há uma avaliação de algum aspecto da enunciação de um locutor pela instância que a comenta em um texto. Geralmente, mas não de modo exclusivo, essa instância diz respeito a um jornalista ou um repórter que, na qualidade de locutor de um texto jornalístico, projeta uma certa imagem de um outro locutor (um político, uma pessoa célebre), ao tecer avaliações sobre seu comportamento verbal, o que se nota em muitas matérias de jornais ou em outros gêneros do discurso jornalístico etc. O mesmo fenômeno pode ocorrer nos textos literários; nesse caso, podemos dizer que é o narrador que tece algum tipo de avaliação⁵, por assim dizer, sobre o que dizem as personagens, o que vai impactar na imagem dessas personagens.

Possenti (2024) afirma que uma das fontes de inspiração para a reflexão que desenvolve sobre tais ocorrências é um trabalho de Cagliari (1989), no qual o autor analisa marcadores prosódicos em obras literárias. Mais exatamente, são expressões que definem o modo de falar de personagens literárias. Vejamos alguns exemplos mencionados por Possenti (2004): “bradar” e “gritar” versam sobre o tom de voz; “vagarosamente”, por sua vez, informa um ritmo; “calmamente” e “rispidamente”, por outro lado, são avaliações do estado psicológico do locutor tecidas a partir de determinados parâmetros de avaliação de voz, o que pode variar em função do momento sócio-histórico, da situação.

Conforme Possenti (2024) observa, ao apresentar outras ocorrências desse tipo⁶, é comum haver o emprego da palavra “tom” ou de palavras do mesmo campo semântico (por exemplo, “voz”, “fala”, “discurso”) que aparecem acompanhadas de qualificadores (por exemplo, “fala apaziguadora”, “voz conciliadora”, “discurso eloquente”, “fala exagerada”, “voz suave”, “declaração

⁴ Esse artigo foi publicado originalmente em 2020, na revista de Estudos da língua(gem), da UESB.

⁵ Conforme podemos conferir mais ao final desse trabalho, essa avaliação pode ser feita até de modo implícito (cf. Marcuschi, 1982).

⁶ O conjunto de ocorrências que o autor apresenta engloba um conjunto heterogêneo de possibilidades, algumas das quais não mencionados neste trabalho. O leitor interessado pode conferir no trabalho de Possenti outras alternativas de expressão do ethos atribuído.

áspera”), e/ou que compõem predicados como “mudar o tom”, “subir o tom”, “alterar a fala”, “suavizar a fala”. Além dessas ocorrências sobre o tom, há outras que versam sobre outros aspectos, tais como comportamentos (por exemplo, “fulano afirmou com firmeza que...”) e estados psicológicos (por exemplo, “ressentido, fulano fez poucas declarações”). E pode haver também comentários sobre o corpo, os gestos, a roupa do locutor etc. Para mais exemplificar esses últimos casos, reproduzimos, a seguir, algumas ocorrências citadas pelo próprio autor (cf. POSSENTI, 2024, p.91):

[...] ele o faz com o **cenho fortemente cerrado, com a formalidade de um terno com colete** e a tendência de se comover até as lágrimas com as coisas que está dizendo;
[...] porque se sentem **constrangidas** demais diante da perspectiva de dialogar com um pessimismo de dimensões tão épicas;
[...] eles se **deleitam** com os momentos em que o entrevistador arranca uma **reação de mau humor** [...]⁷.

De fato, esses aspectos, apesar de serem heterogêneos (de um lado, aspectos prosódicos; de outro, atitudes e condutas, sentimentos, peças de vestuário etc.), estão mesmo contemplados nas considerações teóricas de Maingueneau sobre o conceito de *ethos*⁸, que envolve, como sabemos, três aspectos distintos⁹, embora articulados na construção da imagem do locutor: o tom, o caráter e a corporalidade. Assim, temos: o tom, que engloba os aspectos prosódicos do discurso; o caráter, isto é, os traços psicológicos do locutor; a corporalidade, por sua vez, diz respeito não só a uma certa constituição corporal, como também a uma certa forma de se vestir e de mover-se em espaços sociais específicos.

Como podemos notar, alguns dos exemplos apresentados até aqui, embora não de modo exclusivo, correspondem (ou poderiam corresponder) a ocorrências de discurso relatado (em estilo direto ou indireto). Mas nem sempre é o caso, pois o locutor do texto também pode projetar uma imagem de uma certa pessoa (fictícia ou real) apenas ao tomar a sua enunciação como objeto de seu discurso, isto é, sem reproduzir necessariamente o que diz (por exemplo “Seu **jeito cauteloso** contrasta com os arroubos de Janaína”; cf. POSSENTI, 2024, p. 89; grifos do autor).

⁷ Grifos do próprio autor.

⁸ Como o próprio autor observa, na verdade, a noção tradicional de *ethos* já recobria “não somente a dimensão vocal, mas também o conjunto das determinações físicas e psíquicas atribuídas pelas representações coletivas à personagem do orador” (MAINGUENEAU, 2005, p. 72).

⁹ Observamos que o grau de precisão desses aspectos varia conforme os textos (cf. MAINGUENEAU, 2005, p. 72).

Refletindo, então, sobre todas essas diversas ocorrências em que um locutor avalia algum aspecto do comportamento verbal de outro locutor, o autor propõe que se tornem questões de ethos, tendo em vista que o ethos engloba, como já dito, diversos aspectos da enunciação (por exemplo, o tom da voz, a velocidade da fala, as atitudes, a postura e/ou os sentimentos do locutor etc.) que são, justamente, evidenciados nessas avaliações. Mas, ao fazer essa proposta, Possenti (2024, p.88-9) deixa bastante claro o fato de que

[...] trata-se do ethos de um locutor ou de uma pessoa [...], **segundo a avaliação de outro enunciador**¹⁰, que é tanto ouvinte ou expectador, quanto um enunciador (autor, narrador) que descreve ou avalia tal ethos (grifos nossos).

Ou seja, Possenti alerta para o fato de essas ocorrências não correspondem a um caso típico de ethos, porque o ethos, como se sabe, diz respeito à imagem que o locutor projeta de si por meio de seu próprio discurso, considerando o modo como esse discurso se constrói. Nesses termos, o ethos é, em essência, uma imagem que se apreende por meio da enunciação, tendo em vista as suas propriedades. Não se trata, portanto, do que o locutor diz de si, embora essas informações mereçam ser consideradas, mas do que revela de si por meio de seu discurso, daí o fato de Maingueneau¹¹ se reportar a essas ocorrências como casos de ethos mostrado. Desse ponto de vista, podemos dizer que essa imagem não é tão evidente, e sua apreensão fica condicionada à capacidade interpretativa do leitor, que precisa estar atento para apreendê-la de modo adequado, considerando diversas propriedades do texto que se lhe apresenta, o que não se faz sem riscos.

Diferentemente, no caso das ocorrências de que trata Possenti (2004), o ethos de um locutor não é mostrado em seu próprio discurso, mas está vinculado ao discurso de um outro locutor, que, na condição de voz intermediária, tece comentários, diretamente ou ainda de modo implícito, sobre algum dos aspectos da enunciação desse outro locutor, ao comentá-la em seu próprio discurso, conferindo ao primeiro locutor uma certa imagem. Resumidamente, podemos dizer que se trata de uma avaliação de um locutor feita por outro locutor, o que certamente vai influenciar no modo como o leitor vai perceber o locutor avaliado.

Para compreendermos melhor as considerações de Possenti (2024) sobre esse novo tipo de ethos, observamos que o autor chegou a levantar a hipótese de que se trata de uma subespécie de

¹⁰ Conforme o próprio autor observa, em seu trabalho, os termos “locutor” e “enunciador” (e também outros, como “autor” e “narrador”) não são empregados com rigor e, mais ou menos com o mesmo sentido, se referem “a um repórter, a uma cronista, a um colunista, que tanto escreve e fala, quanto analisa o comportamento de outro” (cf. POSSENTI, 2024, p. 81).

¹¹ Cf. qualquer um dos trabalhos do autor que versam sobre o conceito de ethos, tais como Maingueneau (2005, 2020).

ethos dito ou mostrado, mas nenhuma dessas classificações lhe pareceu satisfatória. Assim, numa tentativa de dar um tratamento adequado a esses casos, avaliou a possibilidade de considerá-los como ocorrências de ethos encaixado, seguindo uma sugestão feita pelo próprio Maingueneau, quando do lançamento¹² do livro *Variações sobre o ethos* (MAINGUENEAU, 2020), embora, segundo ele, não se trata exatamente do mesmo fenômeno. Maingueneau propõe o conceito pensando mesmo em casos em que uma enunciação está representada dentro de outra, contudo seu foco é realmente outro, pois o que o autor visa, com essa categoria, é uma espécie de arqui-enunciador invisível, aquele que é, em última instância, o responsável, por assim dizer, pelas diversas enunciações que organiza. Maingueneau exemplifica esse fenômeno analisando peças teatrais e obras literárias, que, tomadas em sua totalidade, podem sugerir o ethos de um autor. Desse modo, como constata Maingueneau (2020), embora um dramaturgo não fale em uma peça de teatro, pelo menos não no sentido costumeiro do termo, podemos tomar a peça em sua totalidade como sendo o seu enunciado. Estabelecendo essa diferença, Maingueneau (2020), observa que a relação entre os ethos dos personagens e do arqui-enunciador não é necessariamente estável, pois os ethos partilhados por alguns personagens podem divergir consideravelmente do ethos do autor da obra, que depende não só do gênero do discurso, mas também das restrições relativas a um posicionamento no interior do campo literário.

Entretanto, Possenti notou que seus dados também não se encaixavam claramente nessa nova categoria, pois nesses casos os locutores não mostram o ethos de outros locutores “colocando-os para falar; eles o dizem” (POSSENTI, 2024, p.95), o que o levou à decisão de enviar a lista de seus dados ao próprio Maingueneau. Esse autor, por sua vez, reconheceu que se tratava de um fenômeno realmente complicado, pois, mais do que um caso de ethos dito (hipótese já descartada por Possenti), seria um caso de ethos “interpretado” e “heteroatribuído”, enquanto o ethos dito é, como sabemos, autoatribuído. Conforme observa Possenti (2024), essa análise é esclarecedora, pois nos permite perceber as diferenças que particularizam os subtipos de ethos em questão, ainda que, eventualmente, o ethos atribuído possa ser tomado, de um ponto de vista um pouco mais amplo, como um dos casos de ethos encaixado.

Ainda sobre as ocorrências de ethos atribuído¹³, Possenti (2024) observa que se situam mais ou menos no mesmo terreno em que estão as questões do epilinguismo e da metaenunciação. Além disso, reforça o fato de que se baseiam em estereótipos, que, como se sabe, são a base para a apreensão do ethos. Nesses termos, conclui que também podem ser consideradas como um tipo de linguística popular, já que não são produtos da prática científica, mas da percepção social.

¹² Esse episódio aconteceu em 2020, em um evento em São Carlos.

¹³ É esse o termo por meio do qual o autor se reporta a esse tipo específico de ethos.

A esse respeito desse último aspecto, Possenti (2024) destaca, inclusive, que comentários sobre a velocidade da fala e/ou relativos a outros parâmetros têm efeitos de sentido que são interpretados de modo bastante uniforme pelas comunidades de fala, sendo facilmente tomados como manifestações de raiva, de calma, de agressividade, de desespero, de clareza, de autenticidade, de franqueza, de medo, etc. Quanto ao modo regular como tais interpretações são feitas, Possenti também nos lembra que o próprio Maingueneau (2020, p. 9) reconhece que se trata de um fenômeno social, ao afirmar:

[...] o destinatário constrói uma representação do locutor por meio daquilo que ele diz e de sua maneira de dizê-lo. **Deixem-me esclarecer: uma representação avaliada, pois falar é uma atividade erguida sobre valores supostamente partilhados** (grifos nossos).

Feita esta exposição, passamos a tratar da importância de observarmos atentamente essas ocorrências relativas ao ethos atribuído. O primeiro argumento que apresentamos a favor dessa tese é o fato de que alguns tipos de ocorrências comentadas por Possenti (2024) despertam o interesse de vários estudiosos da linguagem, mesmo que eles não as considerem como casos de ethos, e que desenvolvam suas reflexões com base em aparatos teórico-metodológicos consideravelmente distantes da Análise do Discurso de linha francesa. Obviamente esse interesse, longe de ser uma mera coincidência, está diretamente relacionado aos efeitos de sentido que tais ocorrências desencadeiam. Assim, como vimos, uma das motivações para que Possenti (2004) desenvolvesse a sua proposta foi o trabalho de Cagliari (1989), em que o autor analisa marcadores prosódicos em obras literárias, evidenciando seus efeitos de sentido. Resultados produtivos como esses, isto é, que podem nos ajudar a desenvolver as análises de ethos atribuído, encontram-se em trabalhos que, ao investigarem o fenômeno da citação, evidenciam como um discurso pode moldar outro ao introduzi-lo de formas específicas. Ou seja, estamos nos reportando aos trabalhos que salientam como o discurso citante pode impactar na percepção do discurso citado. Certamente, ainda que esses trabalhos não estejam investigando ocorrências de ethos atribuído, não há dúvida de que, ao longo das exposições, oferecem uma série de considerações pertinentes que nos auxiliam não só a detectar essas ocorrências, mas também a conhecer seus efeitos de sentido, tal como é o caso dos trabalhos de Marcuschi (1982, 2007) sobre os verbos que introduzem o discurso relatado.

Vejamos: investigando o fenômeno da citação em jornais, Marcuschi (1982) afirma que toda citação contém, implicitamente, uma interpretação originada na compreensão daquele que informa. De uma perspectiva distante da Análise do Discurso de linha francesa, o autor considera que essa compreensão se funda nas estruturas psico-sócio-culturais e políticas de quem está citando. Ainda que

esse fenômeno possa ser pensado em outros termos¹⁴, as considerações de Marcuschi também interessam aos analistas do discurso, na medida em que esse autor nos informa que essa interpretação sobre o discurso relatado está implícita nas palavras, mais exatamente nos verbos que o introduzem. Nas palavras de Marcuschi (1982, p.19):

[...] citar o pensamento de alguém (introduzir suas opiniões ou reproduzi-las em paráfrases) implica, além da oferta da informação, também uma tomada de posição diante do exposto. Assim, a variação linguística terá um caráter não meramente estilístico, **mas sobretudo avaliativo**. O mais notável é que **essa avaliação se dá através do instrumento linguístico e não mediante uma opinião adicional com interpretação explícita. Não me refiro, portanto, aos comentários; refiro-me tão somente às palavras que introduzem opiniões alheias com pretensão de fidelidade ao pensamento do autor** (grifos nossos).

Conforme podemos inferir a partir dessa passagem, os verbos que introduzem o discurso citado, por conterem uma avaliação implícita sobre outra enunciação, impactam na imagem que o leitor vai formar do locutor cujo discurso está sendo reportado, o que o autor também admite quando afirma que “a ação desses verbos hierarquiza, reforça, discrimina, classifica, etc. os autores das respectivas opiniões relatadas” (MARCUSCHI, 2007, 158)., ou seja, estamos diante de um dos recursos por meio dos quais é possível atribuir um ethos a um outro locutor.

O segundo argumento, que não deixa de estar fortemente ligado ao anterior, está presente nas próprias considerações de Possenti (2024), na medida em que o autor nos informa que os casos de ethos atribuído têm efeitos múltiplos, isto é, não só relativos ao leitor ou ao locutor, como já mencionamos rapidamente. Assim, Possenti (2024) registra a ocorrências de outros efeitos, que vão variar um pouco tendo em vista o tipo de discurso em que o ethos atribuído se faz notar.

Vejam os exemplos citados pelo próprio autor, isto é, o caso do discurso literário. Para esse tipo de discurso, além dos efeitos sobre o leitor, há efeitos sobre o narrador, na medida que ele, ao tecer comentários sobre a enunciação dos personagens, se apresenta como um narrador “curioso”¹⁵ e avaliador; e há efeitos também nas outras personagens, na medida em que também são ouvintes e interlocutores de quem fala. E pode haver também efeitos sobre o próprio autor, como nos casos de encaixamento descritos por Maingueneau (2020). A esse respeito, Possenti (2024) cita o caso de

¹⁴ Por exemplo, poderíamos dizer que se trata de uma interpretação moldada pelas restrições impostas pela formação discursiva e/ou pelo posicionamento discursivo (cf. MAINGUENEAU, 2004) a que o locutor se filia ao enunciar.

¹⁵ É esse o termo empregado pelo autor. Do nosso ponto de vista, parece-nos mais adequado dizer que se trata de um narrador “intruso”, porque não só narra os fatos, mas também avalia os personagens, suas falas etc., interferindo, desse modo, na narrativa.

textos de Nelson Rodrigues, nos quais a avaliação do ethos de muitos dos personagens feita pelos narradores revela também o próprio ethos hiperbólico do autor, que tudo avalia exageradamente, o que, nesse caso específico, segundo Possenti (2024), também está relacionado ao seu ethos prévio do autor.

No discurso jornalístico, essas ocorrências, por sua vez, impactam sobre a imagem dos jornalistas, pois, como Possenti (2024) bem observa, elas contrariam as recomendações de objetividade que são feitas a eles, de quem se espera que sejam objetivos e que não expressem suas avaliações, nem seus pontos de vista. Marcuschi (2007, p. 156-7), à sua maneira, também tece considerações relevantes a esse respeito dos efeitos dessas ocorrências no discurso jornalístico, ao afirmar:

Tomando os verbos que introduzem opiniões nos tipos de discursos considerados, nota-se que têm várias formas de agir. Em primeiro lugar, agem diretamente sobre o discurso relatado; em segundo lugar, atuam sobre a compreensão desse discurso e, em terceiro, podem ser eles próprios o relato da forma como o discurso relatado atuou ou deve atuar. Neste último caso, pensamos na força perlocutória, no sentido de Austin (1962). Com isso eles introduzem o discurso relatando seu efeito ou modo de atuar; são como que o relato de uma intenção do autor inferida pelo redator. Trata-se da imagem que o redator do relato faz a respeito da intenção que o autor teve ou teria.

Diante do exposto, com intuito de evidenciarmos tais impactos e de ilustrarmos a diversidade de aspectos discursivos que podem ser enfatizados nos casos de ethos atribuído, analisamos algumas ocorrências desse tipo presentes no livro “Pinga-Fogo com Chico Xavier” (GOMES, 2010). Organizado pelo jornalista Saulo Gomes, o livro apresenta uma transcrição completa das duas edições do programa “Pinga-Fogo da TV Tupi” de que o médium participou e que foram transmitidas pela Rede Tupi de Televisão, no ano de 1971. Ao longo do livro em questão, as declarações dadas pelo médium nas entrevistas são transcritas e acompanhadas por uma série de notas explicativas de rodapé. Além disso, há também notas não indiciadas que são apresentadas separadamente e que são postas ao lado dos excertos a que se referem. Nessas notas, que são apresentadas, inclusive, com uma configuração tipográfica diferente das demais partes do texto do livro, encontramos uma série de comentários avaliativos sobre as declarações feitas pelo médium Chico Xavier durante as entrevistas. Vejamos alguns excertos¹⁶ a esse respeito, nos quais destacamos em negrito tais avaliações:

¹⁶ Observamos que algumas dessas ocorrências foram abordadas num trabalho anterior, isto é, Silva e Brunelli (2016), no qual analisamos o ethos discursivo do médium Francisco Cândido Xavier na obra *Pinga-Fogo com Chico Xavier* (cf.

1. O médium livra-se da condição a ele atribuída de “antena receptora de todos os fenômenos à sua volta”, dizendo ter como foco de atenção a própria entrevista e não a “faixa de observação” daquela senhora. **Gentilmente concede** ainda atestado de veracidade ao fenômeno de vidência, **antes de encerrar com delicadeza** o assunto. (GOMES, 2010, p. 65, grifos nossos).
2. A contrapergunta é um recurso utilizado em debates como meio para se esclarecer pontos obscuros, para se aclarar discussões, não tendo como fim sobrepor-se um debatoedor ao outro, embora isso possa ocorrer. [...] Chico lembra que existe este recurso, que pode dispor dele, mas **gentilmente o dispensa**. (GOMES, 2010, p. 73).
3. **O desfecho brilhante da réplica, conquanto muito respeitosa, desperta manifestações de aprovação no auditório**, face aos sólidos argumentos do entrevistado. (GOMES, 2010, p.74)
4. **A atitude sensata de Chico diante de temas controversos** parece guiar-se pela ótica “da maior soma de benefícios para todos” (GOMES, 2010, p. 175; grifo nossos).
5. Agora entrelaçada ao amor, a questão da sexualidade **é abordada com rara beleza, de modo poético. Em contraposição aos discursos exaltados dos extremistas da época**, que lidavam com o sexo a partir do confronto liberação versus repressão, **Chico aponta outras trilhas possíveis de se seguir**. (GOMES, 2010, p. 231; grifos nossos)
6. **A resposta de Chico, tecida em amor solidário, fraterno, acolhedor, derrama-se, com toda a sinceridade, aconchegando Blecaute ao próprio coração. Conforta o cantor** sem fazer qualquer promessa que não possa cumprir [...] (GOMES, 2010, p. 237; grifos nossos).

Como dito, essas notas se reportam a excertos específicos das entrevistas, sendo apresentadas no livro ao lado deles, nas margens laterais, de modo que o leitor do livro não tenha dificuldades para associá-los. Do nosso ponto de vista, nesses comentários, o locutor projeta um ethos bastante uniforme do médium Chico Xavier, cujo discurso está sendo reproduzido no livro. Assim, ao seu discurso são relacionados atributos que pertencem a campos semânticos relativamente próximos, a saber: gentileza, delicadeza, sensatez, beleza, poeticidade, ponderação etc. Combinados, tais

Gomes, 2010). Na verdade, ainda que algumas dessas ocorrências tenham sido consideradas nesse trabalho, não foram tratadas devidamente, uma vez que o subtipo de ethos ao qual pertencem – o atribuído – ainda não tinha sido incorporado aos trabalhos de Análise do Discurso. Somente agora, com as contribuições de Possenti (2024), é que temos condições de revê-las. Assim, passamos a tomá-las como casos de ethos atribuído e procuramos evidenciar seus efeitos.

atributos projetam a imagem do médium como sendo alguém muito fraternal, gentil e sábio, o que está bastante de acordo com o ethos pré-discursivo do médium¹⁷, reforçando-o.

Além disso, notamos que essas ocorrências de ethos atribuído do médium Chico Xavier se reportam a aspectos distintos de sua enunciação. Vejamos alguns desses aspectos: no excerto (01), “gentilmente” e “com delicadeza” versam sobre aspectos prosódicos de seu discurso; diga-se o mesmo a respeito de “gentilmente”, no excerto (02), e de “rara beleza” e de “modo poético”, no excerto (05), e ainda de “resposta (...) tecida em amor solidário, fraterno, acolhedor”, no excerto (06). Conjuntamente, tais advérbios e adjetivos, que recaem sobre sitgagmas *dicendi* (tais como “conceder atestado de veracidade”, “encerrar o assunto”, “dispensar recurso”, “abordar questão”, “tecer resposta”) caracterizam o tom da enunciação de Chico como sendo um tom fraternal, delicado, gentil etc.

Por outro lado, no excerto (03), “desperta manifestações de aprovação no auditório”, apresenta o efeito perlocutório do discurso do médium, na medida em que anuncia a reação do auditório diante de sua réplica, que, por sinal também é caracterizada de forma bastante positiva, já que é apresentada como tendo um “desfecho brilhante” e como sendo “muito respeitosa”.

Vejamos outras ocorrências relativas a efeitos perlocutórios: no excerto (06), o sintagma verbal “aconchegando Blecaute ao próprio coração” versa sobre o efeito desencadeado pela resposta dada por Chico Xavier ao cantor Blecaute, ao ser feita de um modo específico: como já visto, essa resposta foi “tecida em amor solidário, fraterno, acolhedor”. Ainda nesse mesmo excerto, o sintagma verbal “conforta o coração do cantor” é outra ocorrência que versa sobre um efeito perlocutório. Além disso, podemos dizer que ela reforça o conteúdo do efeito anterior, na medida em que “aconchegar o coração” e “confortar o coração” podem ser tomados como sinônimos.

Já no excerto (05), podemos notar que há uma ocorrência distinta, isto é, um caso de antiethos, em que o locutor contrapõe as propriedades do discurso do médium às de outro discurso (“em contraposição aos discursos exaltados dos extremistas da época”), o que não deixa de ser uma forma de projetar uma imagem específica para o discurso do médium, que se pode ser tomado, nesses termos, como um discurso conciliador, moderado, ponderado etc., que é justamente o contrário (“contraposição”) dos “discursos exaltados dos extremistas”. Notamos que esse mesmo modo de caracterizar o discurso do médium, isto é, de que se trata de um discurso ponderado, está presente também no excerto (04), em que se afirma que ele adota uma atitude “sensata” diante de temas controversos.

¹⁷ A respeito do ethos pré-discursivo do médium, conforme esclarecemos em Silva e Brunelli (2016), no momento em que as entrevistas de Chico Xavier ao Programa “Pinga-Fogo” foram publicadas, ele já era uma figura pública sobre a qual muito já se sabia. De modo geral, publicamente, o médium Chico Xavier era tido como um grande representante do Espiritismo Kardecista e também como uma pessoa gentil, humilde e caridosa.

Dessa forma, recuperando inclusive os resultados já apontados em Silva e Brunelli (2016) podemos dizer que o livro, tomado em sua totalidade, projeta uma imagem do médium Chico Xavier bastante homogênea, de acordo com a qual ele seria uma pessoa muito sábia, gentil e fraternal, o que está, inclusive, perfeitamente ajustado à semântica global¹⁸ do discurso espírita kardecista brasileiro¹⁹, cujo ideal é justamente uma enunciação do tipo fraternal (e jamais “exaltada”).

Ainda quanto aos resultados apontados, podemos dizer que as ocorrências de ethos atribuído não só impactam na construção da imagem do médium Chico Xavier por parte do leitor do livro, como também projetam uma certa imagem da equipe editorial²⁰, que, ao tecer essas avaliações, projeta de si a imagem de um grupo que tem conhecimento sólido sobre o discurso que está apresentando, o que é compatível com o fato de se tratar de uma editora que comercializa livros espíritas.

Diante do exposto, isto é, tendo apresentado alguns aspectos do ethos atribuído e analisado algumas ocorrências do tipo, encerramos nosso trabalho com a expectativa de termos feito jus à pertinência das considerações de Possenti (2024), trabalho que, como vimos, nos permite distinguir mais um dos ângulos de aplicação do conceito de ethos. De um ponto de vista mais amplo, se somarmos nossas reflexões aos resultados dos mais diversos trabalhos que investigam a questão de ethos adotando a abordagem de Maingueneau, esperamos ter evidenciado que esse caminho sempre se revela como uma via muito produtiva de análise da discursividade.

¹⁸ Segundo Maingueneau (2008), a semântica global diz respeito ao conjunto de restrições semânticas que definem a especificidade de uma enunciação atuando em todos os planos da discursividade (por exemplo, léxico, temas, ethos, modos de coesão, argumentação etc.).

¹⁹ Cf. Silva (2014).

²⁰ Consultamos a editora para saber se as notas laterais, assim como as de rodapé, seriam de responsabilidade do organizador do livro, isto é, o jornalista Saulo Gomes, mas a editora informou, por meio de uma resposta de WhatsApp em outubro de 2025, que “as notas laterais são comentários da equipe da editora, contextualizando as informações sobre o programa de TV da época e as questões com suas particularidades”. Além disso, informaram que há previsão de relançamento da obra para o primeiro semestre de 2026.

REFERÊNCIAS

- CAGLIARI, L. C. Marcadores prosódicos em textos literários. **Estudos Linguísticos XVII - Anais de seminários do GEL**, Lorena, p. 195-203, 1989.
- GOMES, S. (org.). **Pinga-fogo com Chico Xavier**. Catanduva: InterVidas, 2010.
- MAINGUENEAU, D. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (org.) **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. Tradução de Dilson Ferreria da Cruz, Fabiana Komesu e Sírío Possenti. São Paulo: Contexto, 2005.
- MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Tradução de Sírío Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MAINGUENEAU, D. **Variações sobre o ethos**. Tradução Marcos Marcionilo. 1. Ed. São Paulo: Parábola, 2020.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. A propósito de estratégias jornalísticas. **Linguagem Oral, Linguagem Escrita: série estudos**. Uberaba: Publicação do Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba, v. 8, 1982, p18-23.
- MARCUSCHI, L. A. **Fenômenos da linguagem: reflexões semânticas e discursivas**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- POSSENTI, Sírío. **Ler, descrever e interpretar - e outros ensaios**. Uberlândia: Autorar Editora, 2024.
- SILVA, T. V. A caridade é, em tudo, a regra de proceder: análise do discurso espírita kardecista. 2014. 117f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2014.
- SILVA, T. V.; BRUNELLI, A. F. Pinga-fogo com Chico Xavier: Do ethos à semântica global do discurso espírita kardecista. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 16, n. 2, p. 213-226, maio/ago. 2016.